

PETZINE



apresenta

Outras naturezas, outras culturas

VOLUME 3



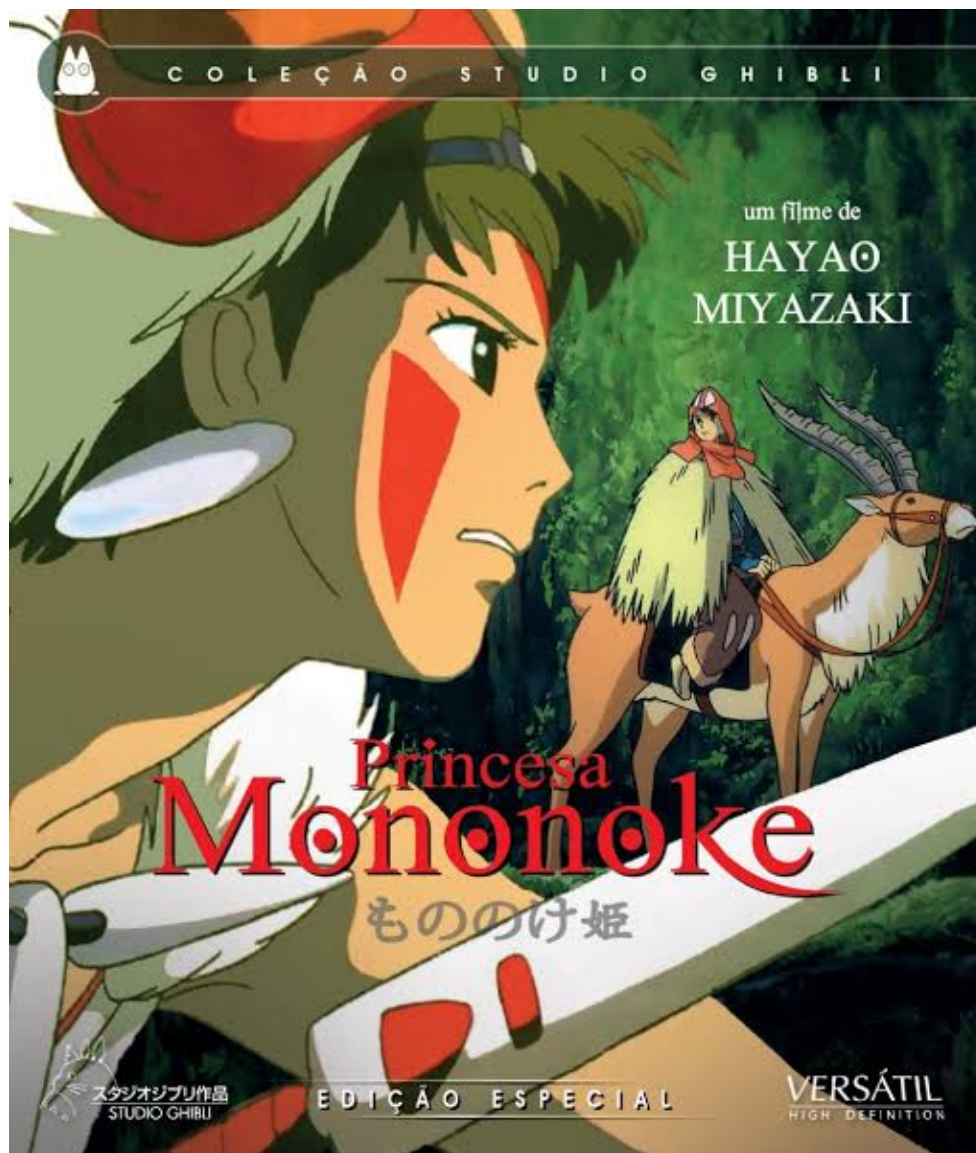
Agradecimentos

O primeiro agradecimento é para o Professor Miguel Carid Naveira por ter sido o debatedor no CinePET do mês de outubro, quando nos proporcionou diversas reflexões a partir do filme. O segundo é para o Professor Roberto Dalmo, tradutor therolinguístico do amado pombo Bartolomew Feather, que fez um maravilhoso texto sobre o (Excre)acontecimento na sessão de conversa com o especialista.

Sumário

Agradecimentos.....	3
Princesa Mononoke.....	5
Conversa com o curador.....	6
A Heideggerian Analysis of Studio Ghibli's Films.....	7
A Máquina de Fazer Coisas.....	8
Podcast Que Clima é Esse?.....	9
Calores Gaianos.....	10
Take What You Need and Compost the Rest: an introduction to post-civilized theory.....	11
Conversa na Rede – Partículas Particulares.....	12
Vida em Perigo: Revolução contra a catástrofe climática.....	13
Urihi-a.....	14
Gorillaz – Plastic Beach.....	15
Os Desaparecidos do Antropoceno.....	16
O Espelho Vazio.....	17
A Terra Dá, A Terra Quer.....	18
Há Mundo Por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins.....	19
Episódio 271 do Podcast Copiô, Parente!.....	20
American Perspectivism and Non-Human Rights.....	21
Este é nosso corpo, a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva para além do fim do mundo.....	22
Crise climática também é crise de subjetividade, diz artista indígena Gustavo Caboco.....	23
Artes de Gustavo Caboco.....	24
Os Terranos e Os Poetas: O “povo de Gaia” como o “povo que falta”.....	26
Existe apenas um tipo de desenvolvimento?.....	27
(EXCRE)ACONTECIMENTO.....	28
Fique de Olho.....	30
Fale conosco.....	31

Princesa Mononoke



Princesa Mononoke se passa no final do período Muromachi (aproximadamente 1336 a 1573) do Japão com elementos de fantasia. A história segue o envolvimento do jovem príncipe Emishi Ashitaka em uma luta entre os deuses de uma floresta e os humanos que consomem seus recursos. O termo “Mononoke” não é um nome, mas uma palavra japonesa para espírito ou monstro: seres sobrenaturais que mudam de forma.

Conversa com o curador

Filme escolhido por Eduardo Ruaro

O filme Princesa Mononoke foi escolhido por uma gama de razões que poderiam se justificar por si, contudo, exatamente por estarem em um rizoma de afetos é que a decisão veio por ele. Em primeiro lugar (e se tratando de um rizoma, é tão passível de ser escolhido como qualquer outro) se trata de uma obra com uma boa reputação entre diversos grupos de pessoas, satisfazendo desde os que buscam um filme com uma alta carga simbólica até quem quer apenas um filme esteticamente bonito e cativante. Outro ponto desse rizoma vem a ser o caráter crítico do diretor sobre as relações expostas ali, as dicotomias entre Modernidade e Tradição, Cultura e Natureza, Homem e Mulher, e tantas outras.

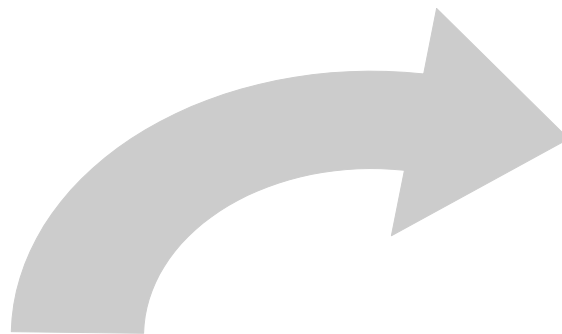
As interações multiespécies se estabelecem e a forma como elas se desenvolvem mostram também uma conexão que o autor coloca como tão óbvia que pode passar despercebida, Yakul conversando com San de uma forma aparentemente telepática que só poderia ser explicada pela therolinguística de Le Guin ou pelo xamanismo amazônico com a mulher agindo como uma espécie de tradutora entre os mundos que se dividiram no não-tempo. O estado de natividade da floresta ser representado pela existência de espíritos, os Kodamas, quase como os xapiri pë que nos fala Davi Kopenawa, e que a ausência demonstra problemas sérios à ecologia no sentido de Guatarri. Longe de se tratar de um simples desejo de um outro mundo longe da Modernidade, nos coloca questões reais, como Lady Eboshi, essa representante da violência e da monocultura espiritual expansiva, ser também aquela de deu uma nova chance aos doentes marginalizados e mulheres que estavam a destino de serem brutalizadas.

Miyazaki não apresenta uma resposta pronta, o final do filme não entrega um caminho pavimentado, pelo contrário, como nos propõe os zapatistas, entrega uma oportunidade de juntos fazermos um novo caminho. Esse que nos tire da floresta cinza que envenena corpos e almas, para um mundo feito não em uma dicotomia entre a Natureza e Cultura, mas por uma forma que possa derreter falsas oposições, mostrar que a realidade é feita por invenções e que podemos ser os xamãs de nossos sentidos.

A Heideggerian Analysis of Studio Ghibli's Films

Vídeo do canal Jonas Ceika

Jonas Ceika é um youtuber cujos vídeos são centrados em conteúdos da filosofia e suas intersecções com o mundo pop. Em seu canal, os temas que são mais discutidos são: marxismo, pós-modernismo e pós-estruturalismo, cultura de internet e cultura pop. Neste vídeo, Ceika busca fazer - como o título propõe - uma análise heideggeriana dos filmes do estúdio Ghibli centrados, sobretudo, na relação entre os humanos e a natureza. O vídeo mostra uma grande proximidade entre os trabalhos do filósofo alemão Martin Heidegger e do cineasta japonês Hayao Miyazaki, como suas opiniões sobre as formas de produção, com uma grande exaltação do trabalho feito com ferramentas pré-industriais, uma defesa da natureza frente a modernização que come as terras e florestas.



A Máquina de Fazer Coisas

Texto de Ailton Krenak, no livro A Vida Não é Útil

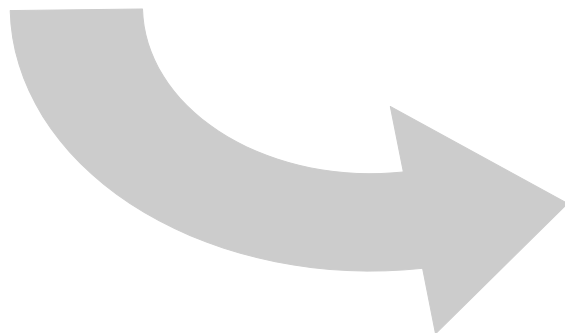
O autor inicia organizando como as cosmologias indígenas do mundo todo não acreditam na ideia ocidental de humanidade como espécie, já que “os ameríndios e todos os povos que tem memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos”. E após isso também apresenta uma diferença entre os agentes da micropolítica e da macropolítica, como ele diz “cada um de nós - não a economia, não o sistema todo - pode atuar positivamente nesse caos e trabalhar, digamos assim, por uma auto-harmonização.” Contudo, não confunde isso com uma prática viável de forma individual, já que mesmo sem usar carro ou combustíveis fósseis, ele admite que isso não impede de derretermos com o aquecimento global, mas não se trata de uma dicotomia entre indivíduo-coletivo simples. Ailton Krenak destaca como durante a pandemia todos acatamos ficar dentro de casa, mesmo quando alguns defendiam que “a economia não pode parar”, e questiona por que não acatamos parar de preda o planeta, como isso é resultado de achar que a natureza morrer não implica em nós morreremos também, por nos achar separados dela.

Já somos alertados sobre a necessidade de parar de utilizar combustíveis fósseis desde a década de 90, não diminuir mas parar mesmo, contudo só fizemos cada vez mais coisas com esses combustíveis, fazendo até mesmo carros que não são abastecidos com esses combustíveis, como se a produção maior de outros itens fosse a resposta ao problema da produção de outro, a mentira da sustentabilidade onde a produção é a solução da produção. “Como é que você é avisado que está furando o teto do céu e o máximo que consegue fazer é trocar de geladeira?”

O exemplo de Havana com seus carros de 1936 ou 1950, que ainda são usados e as pessoas se viram com eles, não montando mais carros ou mais carros ecológicos, mas consertando o que já tem. Citando Gandhi ele fala “a Terra tem o suficiente para todas as necessidades. Mas se você quiser uma casa na praia, um apartamento na cidade e um Mercedes-Benz, não tem pra todo mundo.” Um outro mundo, além do capitalista, não pode ser o mundo capitalista consertado. Ailton Krenak faz um alerta para a seriedade das visões indígenas e sub-alternizadas, que “ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta com você, ou faz guerra contra a vida na Terra.” Ou se leva isso a sério, não como uma analogia ou como um alerta de um apocalíptico, ou você está junto com os que querem o fim da vida. Ou se alia aos terranos, ou está junto dos humanos.

Podcast Que Clima é Esse?

Trabalho que reflete sobre os efeitos da mudança climática nos mais diversos espaços e tempos, buscando divulgar o conhecimento sobre a possível catástrofe climática de forma científica e preocupada.



Calores Gaianos

Trabalho de Cecilia Cavaliere e Juliana Fausto

Cecilia Cavaliere e Juliana Fausto, no curto texto-experimento Calores Gaianos..., permeado por arte de artesãs da matéria e do espírito, operam um paralelo entre os calorões ocasionados pela menopausa e a situação de Gaia num momento de mudanças climáticas. A partir da troca das palavras-chave de um texto escrito, originalmente, por Drauzio Varella, as autoras se perguntam o que as ondas de calor características do Antropoceno têm a ver com as ondas de calor características da menopausa. Uma vez que ela marca o fim da capacidade reprodutiva e resulta em uma secura vaginal, Cavaliere e Fausto pensam que a Terra se encontra em um estado de secura devido à sua instrumentalização antropocêntrica. Assim, as mudanças climáticas indicariam que a possibilidade de reprodução desse corpo se esgotou. É por essa analogia que propõem devolver à Gaia e às mulheres sua potência criadora e inventiva - e não mais, mediante a geoengenharia, reprodutiva.

Confira aqui a obra conjunta de
Cecilia Cavaliere e Juliana Fausto



Take What You Need and Compost the Rest: an introduction to post-civilized theory

Texto de Margaret Killjoy

No ensaio *Take What You Need and Compost the Rest...*, a autora anarquista da teoria pós-civilizacional (*post-civ*) Margaret Killjoy coloca em questão a insustentabilidade da civilização industrial e de sua economia baseada em um crescimento desenfreado e consumo excessivo. Dado o genocídio e ecocídio causados por ela, sua ciência, agricultura e especialização laboral, é preciso buscar um mundo novo – não anticivilizacional. Em contraposição àqueles que desejam retornar a um modo de vida pré-civilizacional – primitivistas –, ela postula que autores da *post-civ* não rejeitem a tecnologia, mas seu mau uso; não rejeitem a agricultura, mas a monocultura, e propõem a permacultura como sistema agrícola. Dessa maneira, é necessário imaginar e decretar a fundação de uma cultura pós-civilizacional, que assente a possibilidade de uma descentralização da cultura, política, economia e que rejeite as fronteiras, o governo e a importação de recursos, característicos da cidade. A partir de hoje, de agora, do descarte e do lixo produzidos, do pré-colapso da civilização industrial, Margaret Killjoy propõe que desenvolvamos um estilo de vida pós-civilizacional, numa não cidade, com algumas características: prática “caçador-coletora”, substituição da economia de mercado capitalista, a partir de uma série de modos alternativos de se conseguir comida, roupas, abrigo e assistência médica. Para sobreviver ao colapso, diz ela, devemos reflorestar o que foi desmantelado até agora e nos organizar, localmente, para satisfazer as necessidades de cada um, contra a tentativa de reunificação de um governo passado.



Conversa na Rede – Partículas Particulares

Vídeo de SELVAGEM – Ciclo de estudos sobre a vida

Cada um em uma rede, sob a sombra de uma mangueira, Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro batem um papo sobre o mundo e a encruzilhada em que se encontra com o aumento da temperatura média da Terra. O antropólogo comenta com o filósofo que todos sabem o que se deve fazer para cessá-lo, mas que há uma série de interesses em sentido contrário a isso. Ele chama a atenção, também, para a separação histórica, a partir do século XVII, no Ocidente, entre política e ciência, o que ocasionou o mascaramento das relações também políticas entre humanos e não humanos. Em contrapartida, populações originárias, como os Yanomami, exercitam uma cosmopolítica. No meio disso, todos os povos têm sentido a catástrofe causada pelo tecnocapitalismo, fundado nos combustíveis fósseis. Se o fim da possibilidade de habitar o planeta é uma sensação geral, os povos indígenas, das Américas, são especialistas nisso, dado que seu mundo acabou em 1492 – apesar disso, resistiram e resistem. Sabem viver em um mundo pior que o anterior. Ailton Krenak coloca um lembrete em questão: os povos indígenas são, além disso, especialistas na produção de novos mundos possíveis, dado que são antenados nas propriedades estéticas, sensíveis, dos mundos que criam. Portanto, se os brancos se interessam por quanto do mundo podem comer, os indígenas se interessam por quantos mundos podem criar – por quantas partículas particulares podem gerar.

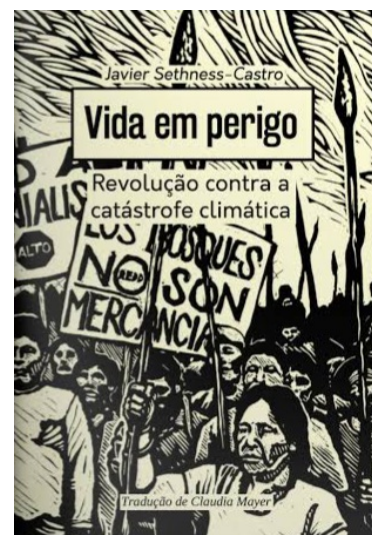


Vida em Perigo: Revolução contra a catástrofe climática

Livro de Javier Sethness-Castro

Neste livro o autor busca analisar, compreender e apresentar uma possível solução, assim como uma revista do imperativo categórico de Adorno, à catástrofe climática que ainda se apresenta, mais de 10 anos passadas da publicação inicial do livro. Não com uma análise sobre o capitalismo retirada de uma conversa entre autores mortos, mas munido de uma análise extremamente atual a partir da interlocução com movimentos sociais pelo mundo e que estavam na ativa, Sethness-Castro dá um panorama dos movimentos que agiam (e agem) contra o progresso da catástrofe, apoiado também em autores que refletem sobre o fim do mundo desde da possibilidade (essa também atual) de um fim nuclear do mundo. O texto do autor realmente nos coloca a dimensão do problema climático como tão perigoso quando uma guerra nuclear, já que ambos exterminariam nossa vida, mas um deles na questão do clima não é um “se” e sim um “quando” que é central para a obra.

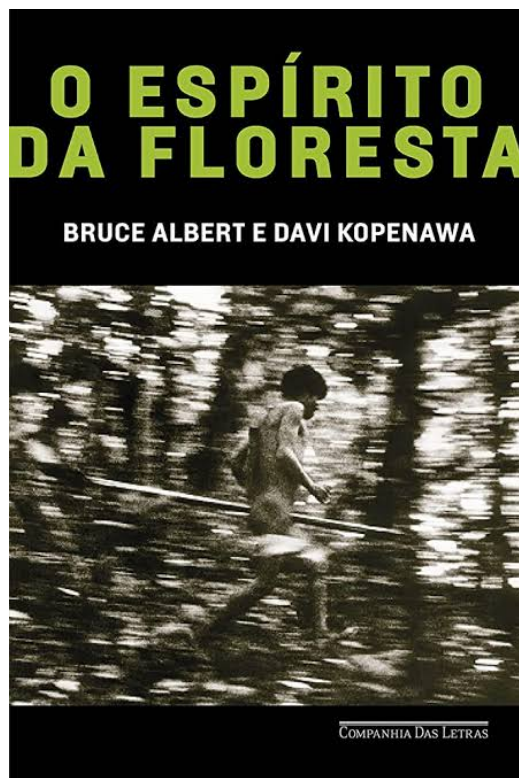
A partir dos dados do IPCC, que monitora as questões climáticas e seus avanços, se coloca uma coisa como certa, sem uma mudança radical nos próximos anos, temos uma expectativa de colapso das condições de vida humana de 100 anos. (Nota contextual: em 2023 essa mudança radical já deveria ter ocorrido, mas como não ocorreu e países como China e EUA aumentaram a taxa de poluentes ainda mais, a expectativa para o colapso, segundo o IPCC, está na década de 60 desse centênio) É assim que Sethness-Castro recorda do imperativo categórico mostrado por Adorno em “Dialética Negativa”, em que Adorno, um judeu alemão que passou pelos tempos do nazismo, coloca que os humanos deveriam “organizar seus pensamentos e ações para que Auschwitz não se repita, nem nada semelhante aconteça”. É a partir dessa última frase que o autor reflete como a catástrofe climática é um evento de extinção em massa, mas não é “natural”, ele tem nomes e endereços, ele é avanço pelo capitalismo e pelos Estados do mundo todo, sendo um ato de extermínio da vida assim como outros foram, de desumanização dos que morrem e sofrem.



Urihi-a

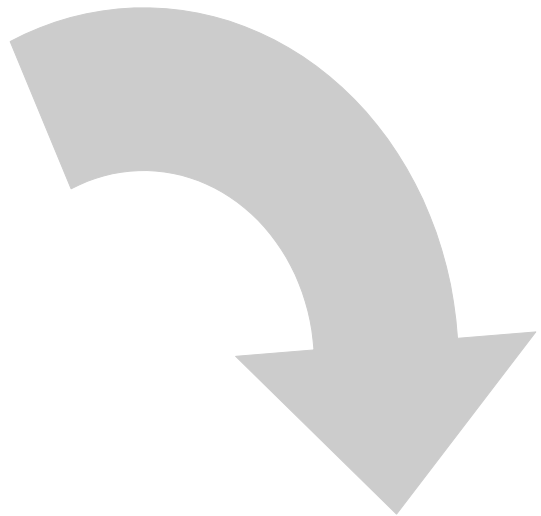
Davi Kopenawa in O Espírito da Floresta, de Bruce Albert e Davi Kopenawa

“A floresta não está morta, do contrário as árvores não teriam folhas. E tampouco se veria água ali. As árvores da floresta são belas porque estão vivas. Só morrem quando são derrubadas e quando ressecam. Elas tem uma só vida. É assim. Nossa floresta está viva e, se os brancos nos fizerem desaparecer e a desmatarem inteiramente, eles ficarão pobres e acabarão por sofrer de fome e sede.” Na sua obra *A Queda do Céu*, Davi Kopenawa, junto do antropólogo Bruce Albert, descreve toda a visão dos xamãs yanomamis, mas longe de exotizar tal cosmopercepção, o livro se faz no exercício de levar a sério o que o outro diz. Davi Kopenawa é tanto um líder indígena quanto um indígena líder, suas visões sobre relações com o que chamamos de “natureza” são menos uma outra forma de lidar com ela, e mais um aviso sobre como, da forma moderna de se relacionar com o mundo, estamos adoecendo, ou como ele melhor diz: “Os *xapiri pë* são os donos da ‘natureza’, do vento e da chuva. Quando os filhos e as sobrinhas dos espíritos do vento brincam na floresta, a brisa circula e tem frescor. Quando os espíritos da chuva descem nas colinas e nas montanhas da floresta, a chuva cai. A terra refresca e a fumaça das epidemias vai embora. É assim. Se os *xapiri pë* estão longe do céu, sem ser chamados pelos xamãs, a floresta fica quente. As epidemias e os espíritos maléficos se aproximam. Os humanos, então, não param de adoecer.”



Gorillaz – Plastic Beach

O álbum da banda virtual tem diversas críticas à forma como descartamos plásticos, que chegam a formar ilhas inteiras desse material quando descartado de forma inapropriada em praias e mares.



Os Desaparecidos do Antropoceno

Palestra dada por Juliana Fausto

O rato *Juscelinomys candango* foi descoberto em 1960 pelos candangos, os trabalhadores nordestinos que construíram Brasília com suor e sangue, e foi nomeado dessa forma para honrar tanto aquele que mandou erguer a cidade, Juscelino Kubitschek e aqueles que o encontraram na área. Os candangos, humanos, sofriam com condições de trabalho extremas e abusivas, sem comida descente e com racionamento de água, até que em 1959, ainda antes de descobrirem o outro animal, foram vítimas do massacre conhecido como Pacheco Fernandes Dantas, com o número oficial variando de um a nove mortos, mas a memória daqueles que lá estiveram contam de caminhões para levar corpos e, na manhã seguinte, noventa e três malas sem donos nos alojamentos. Fausto nos conta como Brasília foi erguida no sangue dos candangos, humanos ou ratos, já que nem mesmo os ratinhos foram vistos depois da primeira aparição nos canteiros de obras, “Brasília e o desenvolvimentismo não comporta nenhuma espécie de candango”. Se para resultar no antropoceno foi preciso do jogo do desenvolvimentismo, é preciso saber que o massacre de populações sub-humanas e não humanas é a moeda corrente.

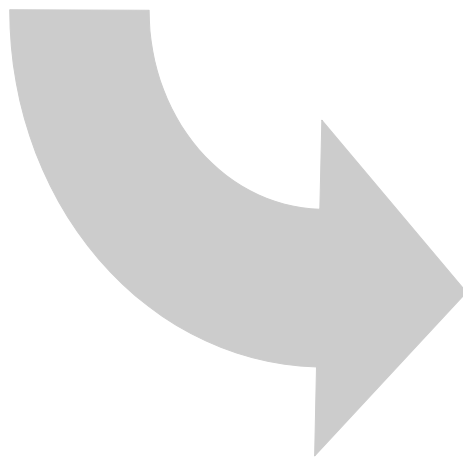
A autora lembra Haraway, que por sua vez afirmava que a civilização baseada na queima de combustíveis fósseis e também comprometida com produzir aceleradamente mais fósseis. É queimando esses fósseis antigos como combustíveis que podemos produzir ainda mais fósseis com a Sexta Grande Extinção que está em curso. O Antropoceno é mais que uma nova era geológica, mas um regime de exceção, com seus desaparecidos políticos, aqueles criminosos que não se encaixam no modelo de monocultura civilizacional. Se o mundo é a soma das ontologias, das formas de ver, viver e estar, de todos os seres do planeta, cada desaparecido é um encolhimento da realidade.



O Espelho Vazio

Arte de Cecilia Cavaliere

A partir de uma interação com Juliana Fausto e a preocupação com os seres não-humanos que também sofrem e desaparecem no Antropoceno que a artista constrói essa obra, que reflete, como ela mesma descreve é um “pequeno memorial efêmero para os desaparecidos da ditadura”. Esse trabalho de Cavaliere toca profundamente na realidade que se tornou ausente no mundo quando este encolheu, pois ataca a pergunta escondida de forma a movê-la, nos questionando “onde foram parar aqueles que você sequer soube que existiam e que não existem mais”.

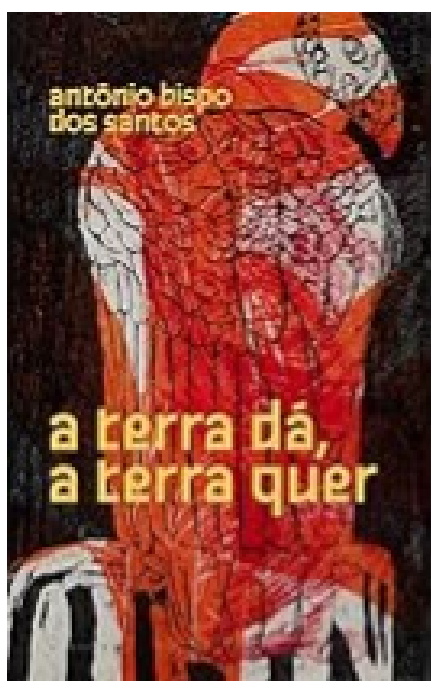


A Terra Dá, A Terra Quer

Livro de Antônio Bispo dos Santos

Se queremos, e devemos, buscar novas ecologias, novas cosmo percepções, novas relações e novos afetos, Bispo se torna uma leitura central. Nesse livro é mostrada a diferenciação entre a humanidade e os compartilhantes, entre os que destroem o planeta em nome da escassez e os que constroem a vida em nome da abundância. É a partir da ideia de compartilhar e não de trocar que existe a confluência, uma forma não apenas de consumo ou produção, mas além disso, uma forma de existir, que não engloba apenas pessoas no sentido moderno, mas todos os seres, sejam plantas, animais ou rios. A terra dá o que precisamos, e a terra quer que cuidemos dela. Não é uma troca material, mas de afeto. Não se trata apenas de pensar ou de produzir, mas de relação, de alimentação e arquitetura. Bispo apresenta os compartilhantes a partir dos quilombos, mas não apenas, os compartilhantes são também indígenas, ribeirinhos, moradores da favela, das florestas, da área rural. Não na guerra, mas na festa que existe a vida. A humanidade, em sua sede por suprir a escassez, colocou como seu destino único o fim de si, enquanto os compartilhantes já existiam antes da humanidade, vão continuar a existir depois dela.

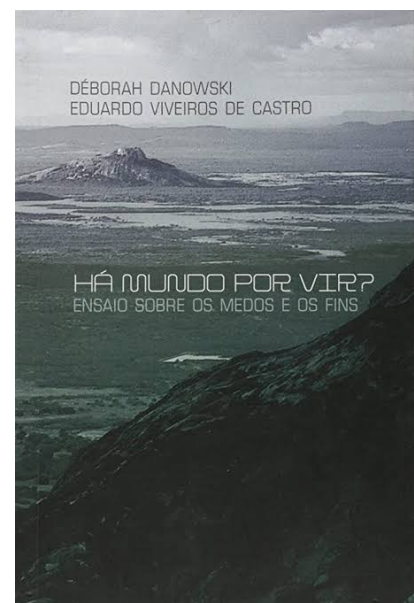
“Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola.”



Há Mundo Por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins

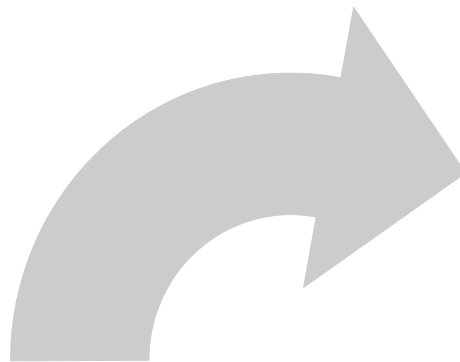
Livro de Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro

Nesse livro a dupla Danowski e Viveiros tenta inventar uma mitologia adequada ao contexto de catástrofe climática, para isso analisam o registro etnográfico para buscar as maneiras que os habitantes do mundo entendem o começo e o fim do mundo, seja de um mundo sem nós, como de Meillassoux e Brassier, até uma gente sem mundo, como no caosmos da indistinguibilidade que origina o mundo indígena, onde tudo se origina do ser humano (importante aqui notar como o antropomorfismo ameríndio não é antropocêntrico como a ontologia moderna). É a partir dos escritos de Chakrabarty, Anders, Latour e Stengers que os autores estruturam seus pensamentos, passando pela antropologia, história, cinema, filosofia, política e diversas formas de imaginar o fim do mundo. Não é mais possível ignorar o que vem, ou o que está aqui, não é possível tornar a ontologia moderna mais sustentável para vivermos, e é nesse contexto que temos uma guerra civil não declarada, onde os Humanos e os Terranos lutam com tudo que tem, sejam eles humanos enquanto espécie, enquanto alma comum ou enquanto agenciamentos além de humanos. Essa batalha tem suas alianças, seus diplomatas, espiões ou mesmo guerreiros, e é nela que veremos o fim do mundo, por uma catástrofe climática, pelo fim dos Modernos ou pelo fim da vida. Como escreve Günther Anders, “só somos apocalípticos para podermos estar errados”. Sabemos que a civilização vai cair, o que podemos fazer é derrubá-la antes que caia o céu, e para essa tarefa, o livro de Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro é uma ferramenta essencial para construção de um novo povo para um novo mundo.



Episódio 271 do Podcast Copiô, Parente!

As mudanças climáticas estão no topo da lista dos maiores desafios socioambientais enfrentados pela humanidade atualmente. E têm gerado graves implicações nos biomas brasileiros. De 1970 para cá, o planeta está mais quente do que nos últimos dois mil anos. Segundo relatório do MapBiomas, para minimizar tais efeitos, há urgência na mudança de comportamento e de estilo de vida, além de ações para conservação e restauração ambientais. É dentro deste contexto que o Redário, uma iniciativa que une redes de coletores de sementes, se destaca. A restauração ecológica em rede realizada por meio do trabalho de base com comunidades tradicionais utiliza o conhecimento ancestral na luta pela preservação ambiental com aqueles que sempre souberam o valor que a floresta tem.



American Perspectivism and Non-Human Rights

Artigo de Idelber Avelar

É a partir do reconhecimento da importância dos direitos humanos que o autor inicia seu texto, apontando contudo a um sério problema, eles devem ser universais, mas infelizmente impossíveis de o serem. Contudo, o foco do autor não está em aliviar os tensionamentos entre particularismo e universalismo dos direitos humanos, mas em aplicar sobre a discussão os avanços no estudo do “perspectivismo ameríndio” e nas mudanças das constituições do Equador e Bolívia, assim como levar em conta as teses de Chakrabarty sobre o apagamento das fronteiras entre Cultura e Natureza frente a catástrofe climática. A partir de Agamben se nota como o nascimento biológico é apenas parte do que se precisa para ser considerado humano, ao nascimento também deve-se adicionar uma cidadania, retirando de Humanos uma grande massa de sujeitos sem nação ou negadores delas (adicionando aqui o conceito do *Homo sacer*), nascendo daí a biopolítica. A discussão avança quando Nodari percebe que a política não é uma transformação do animal humano nascido para o humano cidadão, mas da transformação de animal em cidadão, uma *zoopolítica*. Essa análise da política se vale das *anthropotechniques* para se funcionar, uma série de dispositivos, técnicas e discursos, que transforma o substrato biológico para a produção do “homem”, não apenas diferenciando homem de animal, mas sendo coextensivo à eugenia. É nesse cenário que Avelar busca compreender o lugar, e necessidade, de direitos a “não-humanos”, isso é, direitos da “natureza”, plantas, animais, rios, montanhas, seja chamada de *Pachamama* ou Gaia.

Leia o texto na íntegra aqui



Este é nosso corpo, a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva para além do fim do mundo

Livro de Yan Leite Chaparro

Essa obra é baseada na tese “Este é nosso corpo, a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu para além do fim do mundo”, do mesmo autor, reflete sobre um ponto principal, enquanto os capitalistas/modernos fazem um movimento de aceleração pelo desenvolvimento, os Avá Guarani/Ñandeva agem pelo envolvimento, fazendo ele um exercício de antropologia simétrica com as visões de mundo de ambos, em especial pela figura constante do fim do mundo, esperado e temido. A tese aqui transformada em livro é de doutorado em desenvolvimento local, feita no contexto do Mato Grosso do Sul, estado bem marcado pela forte presença e autoridade do agronegócio na região, o que torna existir como indígena, ainda mais indígena em um território tradicional e contrário aos interesses dos capitalistas, extremamente perigoso, porém é exatamente aí que Chaparro encontra aqueles que tecem as armas contra o desenvolvimento hegemônico. É principalmente a partir dos xamãs que o autor orienta toda sua tese, com um material etnográfico robusto e com fortes declarações feitas pelos xamãs sobre a necessidade de se envolver com o território que toda a obra se desdobra em um novo encantamento com o mundo, não visto como fonte de recursos, mas de forma totalmente outra.

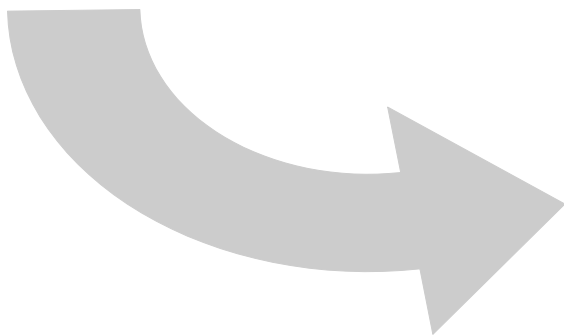
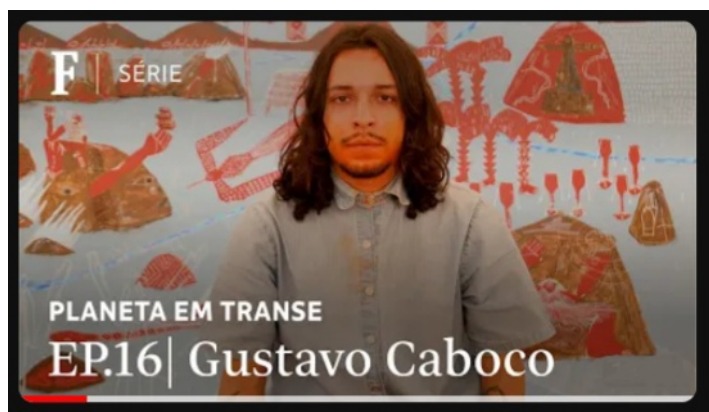
Como diz Joaquim Adiala “Y significa água que é a primeira palavra de Tupã, Yvy significa terra, que é a segunda palavra de Tupã, Yvyra significa planta, que é a terceira palavra de Tupã e Yvypóra significa pessoa, que é a quarta palavra de Tupã. Entendeu, che amigo, para nós, os Guarani, nada está separado, nós e todos do planeta somos guardiões do planeta. Isso que temos que estudar. Que a gente só existe por causa do Yvy. Se o Yvypóra não cuidar do planeta, o planeta vai acabar.”



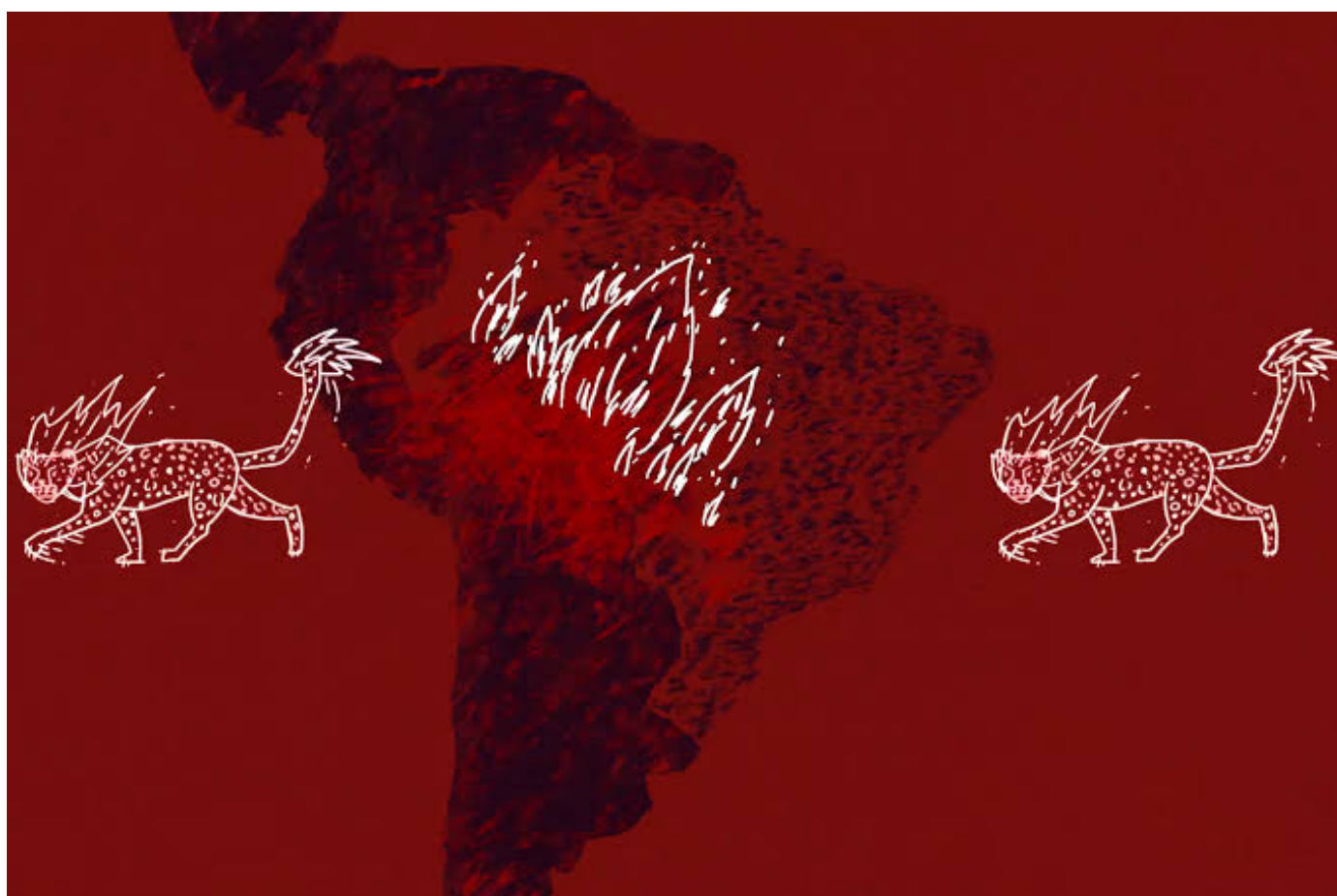
Crise climática também é crise de subjetividade, diz artista indígena Gustavo Caboco

Vídeo do canal Planeta em Transe

Conceito de coma colonial, efeito de submissão, como um parasita nos corpos, nos cegando a certas coisas ao nosso entorno, agindo junto a uma colonização dos imaginários. Reflexão sobre a retomada e a memória, assim como de territorialidade. O artista é filho de uma mulher que foi sequestrada de Roraima ainda pequena, tendo se reconectado com seus parentes muitas décadas depois, e conta um pouco dessa história.



Artes de Gustavo Caboco





Os Terranos e Os Poetas: O “povo de Gaia” como o “povo que falta”

Artigo de Juliana Fausto

Não vivemos em tempos de paz, mas sim uma guerra, isso é preciso admitir existir, não se trata de um embate entre civilizações, epistemologias ou mesmo ontologias, é uma guerra entre mundos do mesmo planeta. Até então essa guerra era escondida pelos Ocidentais pelo multiculturalismo, onde suas posições “nossa cultura” e “outras culturas” tinham como uma terceira posição julgante e, supostamente neutra, a “Natureza”. Com o multinaturalismo agora essa guerra fica mais clara, já que essa Natureza una e independente das vontades humanas é mostrada como parcial e construída pelo Ocidente. A guerra de mundos que Fausto nos apresenta é cosmopolítica, política pois toda guerra o é, pois a política só existe quando essa terceira parte tido como neutra e julgadora desaparece (se ela existisse, seria caso de polícia e não de política como alerta a autora), e o componente do “cosmo” aparece por não se tratar de agências apenas humanas, mas também de não-humanos. Não mais uma guerra simples de Ocidentais contra Não-Ocidentais (como se esses fossem únicos e homogêneos), mas que considere também lobos e ovelhas, atum e CO2, nível do mar e temperatura da atmosfera, como agentes com seus mundos no embate. Agora temos, como descrito por Latour, uma guerra entre os Humanos e Terranos, não confundindo os Humanos com *Homo sapiens*, os últimos estão em ambos os lados, mas Humanos como os apoiadores da ficção universalizante, aqueles que são os causadores do fim. Os Terranos por sua vez podem também ter sido Humanos, mas que pararam de funcionar como tal, como Nietzsche e o episódio com o “Cavalo de Turim”.

Fausto avança então para nos propor pensar “povo de Gaia”, ligado aos Terranos, como “povo menor” da obra de Deleuze, não numericamente, não se trata de contar quantos integrantes (se a ideia de indivíduo vingasse de fato), mas de relação de dominação. O povo menor é aquele que resiste à dominação, o “povo de Gaia” é o povo que resiste aos interesses de destruição dos Humanos, sempre menor no sentido de que maior pressupõe uma maioria, um direito ou poder, uma dominação. A autora propõe que podemos nos aliar politicamente com os não-humanos que ignoramos por tanto tempo e que as vozes não sabemos ouvir pela literatura, como por Ted Hughes (e Vincianne Despret), pelo devir-animal poético e literário. “É possível que esse povo [de Gaia] nunca tenha deixado de enviar mensagens. Viver no Antropoceno e ter que urdir a diplomacia necessária para que a guerra não termine numa aniquilação generalizada talvez comece por significar que os Humanos finalmente sejam obrigados a ouvi-lo. Poderíamos sempre ter sabido algo a respeito do cavalo [de Turim]; se ainda houver tempo, pode ser que venhamos a saber.”



Existe apenas um tipo de desenvolvimento?

Texto de Claude Lévi-Strauss no livro Somos Todos Canibais

Nesse artigo escrito para La Repubblica em 1990, o famoso antropólogo francês tenta responder a pergunta que dá título a esse texto. Inicialmente ele inicia descrevendo brevemente os sistemas agrícolas das cidades maias, já que elas tinham enormes centros com alta densidade populacional, mas não se entendia como era produzido sustento para tantas pessoas, mostrando que pesquisas arqueológicas e por fotografias mostravam a existência de complexos canais de irrigação que abasteciam áreas de plantio, tendo uma delas até mesmo 200 mil hectares, alimentando cerca de mil pessoas por quilômetro quadrado. Mas, como diz Lévi-Strauss, ainda consideramos como atrasados povos que decidiam por manter os modos tradicionais de vida com que seus anteriores, esquecendo que todas as sociedades possuem atrás de si uma longa história.

Questionando o dogma do desenvolvimento técnico como uma melhoria na qualidade de vida, o autor mostra como povos sem agricultura levavam uma vida confortável, com uma qualidade de vida grande em relação a coisas como tempo de trabalho, produtividade e valor nutricional dos alimentos. Calculou-se que o trabalho de um homem era suficiente para quatro ou cinco pessoas, assim como trabalhava apenas duas a três horas por dia e conseguiam uma alimentação equilibrada e que excedia 2 mil calorias diárias, e como fala Lévi-Strauss, isso era mais que um camponês europeu no período anterior a Segunda Guerra Mundial. Outro exemplo dado é o de um indígena da Amazônia, que em média consome mais que o dobro das proteínas e calorias exigidas pelas normas internacionais, assim como seis vezes mais vitamina C. É adicionado ainda que cada adulto, em todas as atividades como coleta de alimentos, confecção de utensílios e na cozinha, trabalha apenas por seis horas por dia, mas apenas por dois dias e meio, tendo o resto do tempo livre para lazer, socializar, repousar e exercer suas atividades religiosas.

Esses povos não desconheciam técnicas agrícolas, aliás sempre estiveram em contato com sociedades agrícolas. Porém, mesmo conhecendo perfeitamente essas técnicas, por que decidiram por não mudar a forma como viviam? Como trabalhos com povos não agrícolas mostraram, consideram que o cultivo da terra é muito demorado e mais difícil que caçar e coletar, trazendo pouca variedade de alimentos e tendo uma baixa produtividade. Não se tratam, de forma alguma, de povos pré-agrícolas, mas povos não-agrícolas ou até contra-agrícolas, que rejeitam essa técnica em prol de outras formas de viver e conviver com o ambiente. Não podemos cair também na armadilha de demonizar a técnica, mas entender, em realidade, suas vantagens e desvantagens, cada qual proporcionando uma possibilidade de vida diferente, não tendo uma escala única para medir uma evolução, mas uma variedade de possibilidades de desenvolvimentos alternativos ao nosso.

(EXCRE)ACONTECIMENTO

Quando Anna Tsing nos indaga sobre **“Como um encontro se transforma em ‘acontecimento’, isto é, algo maior do que a soma de suas partes?”** a resposta imediatamente é apresentada sobre o conceito de contaminação. **“Somos contaminados por nossos encontros;** eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados - e novas direções - podem surgir” (p.73)

O **acontecimento se dá no excremento pombico** e em uma vida acelerada pelo capitalismo, pela colonialidade e pelo racionalismo - três entidades que corroboram para a manutenção dos modos de existência humanos e que, sem dúvida, afirmam o seu excepcionalismo.

Tais encontros podem ser intensos, como o relatado pela antropóloga Nastassja Martin que diz: “nesse dia 25 de agosto de 2015, o acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa em algum lugar nas montanhas de Kamtchátka. o acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e **as fronteiras entre os mundos implodem**”. (p.97) ou sutis, como o terno encontro entre o excremento pombico e terno do executivo (enquanto figura que habita o centro daquilo que a máquina classificatória de humanidades postulou como humano).

O **pombo é um idiota**, como cita Isabelle Stengers ao afirmar que “o idiota de Deleuze, [...] é **aquele que sempre desacelera os outros**, aquele que resiste à maneira como a situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação” (p. 444). O sutil encontro desacelera e abre espaço para contaminações- o fungo que nele habita pode matar o humano- ao menos enquanto figura cristalizada de existência. Como borrador de bordas, o pombo toma aquilo que Donna Haraway chama de espécies companheiras. Companheira de *cum panis*. **Aquele com o qual repartimos o pão, aquele que habita as praças, aquele idiota**

que ralenta o ritmo da vida e que, como com uma lima, provoca a criar, modos de (re)existir naquele tempo que alguns ousam chamar de antropoceno.

Pruuu

@opombociborgue

—

MARTIN, Nastassja. 2021. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34.

HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. Ubu Editora, 2022.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo, n-1. 2022

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, 2018.

Fique de Olho

22/11 - Cinepet sobre o filme “Carta para além dos Muros”

22/11 - Lançamento da quarta edição do PETzine

27/11 - Aulão antes da segunda fase do vestibular da UFPR

EM BREVE - Próximo episódio do PETcast

Fale conosco

Esse zine é resultado de um projeto coletivo do grupo PET (Programa de Educação Tutorial), que atualmente conta com os integrantes Alessa Coelho Lauriano, Ariel Gomides Ferreira, Breno Bach Taques Camargo, Eduardo Henrique Leão Ruaro, Fernanda Tomazini, Hector Prestes, Hericsson Bueno Marchiorato, Juliana Thiemi Muraoka Vicente, Kailany Pereira Barros, Luis Felipe Siquinel De Paula, Márcio Rocha, Roberto Malcher De Barros e Victor Arthur Salles Teixeira, além da tutora Andrea Carvalho Mendes De Oliveira Castro. Outras atividades também são desenvolvidas pelo grupo, tais como: o CinePET, atividade na qual são exibidas produções fílmicas acompanhadas por debates e discussões de ordem social; o PETcast, onde conversamos com professores e pesquisadores convidados sobre suas pesquisas e trajetórias; PETmídias, em que divulgamos nossas atividades e produzimos posts de indicação de leituras, filmes ou séries.

É importantíssimo destacar que a existência do grupo PET só é possível devido ao investimento público nas Universidades.



Instagram: @petsufpr



e-mail: csociaispet@gmail.com



site: csociaispet.wixsite.com/petsociais



youtube: @petcienciassociaisufpr



spotify:

